

Comportamento

A solidão corrói a Brasília sem praças e esquinas

Liberdade e carência: faces do mal que, mesmo presente, não deixa ninguém ir embora

A praça dos Três Poderes se enche de pessoas — o quarto poder, o popular. São muitos, milhares, que se contorcem para ouvir líderes partidários, sindicais, políticos. Ou cantores de rock. Ou tenistas. Ou o Papa. Na aglomeração, aparentemente organizada, não se distingue um só rosto. São vozes. De protesto, de aprovação, de euforia. Ou de entusiasmo. Ou de admiração. Ou singelo louvor. Depois, horas depois, a multidão se dissolve. Em mais algumas horas, a praça dos Três Poderes está vazia.

Na cidade das grandes manifestações populares, que atraem a atenção de todo o País, grassa, paradoxalmente, o mito de uma grande solidão. Mito que, para alguns, é realidade, faz parte do cotidiano. Mas que, para outros, é mito mesmo, que não serve de pretexto para isolamento. Muitos apreciam a liberdade, uma suposta liberdade que Brasília — a Brasília sem esquinas e pracinhas — pode oferecer aos mais discretos, afeitos a privacidade ou sossego. Muitos outros se queixam de uma cidade fria, de vizinhos que mal se conhecem, de uma capital sem charme. A maioria vem para passar pouco tempo. Brasília não deixa ir embora mais.

Biriba — Daise Studart vive em Brasília há cerca de sete anos. Antes, morava no Rio de Janeiro, no bairro de Laranjeiras. Foi casada ao longo de 26 anos, mas separou-se do marido, que morreu seis anos depois da separação. Eram amigos, embora não vivessem mais juntos. Daise casou os filhos e ficou só.

A vinda para Brasília foi uma insistência dos filhos. Mas dona Daise já se habituara à solidão, palavra que, na verdade, está excluída de seu vocabulário. O jogo de biriba com amigas uma vez por semana, leituras, a música, a composição de crônicas literárias lhe garantem o passatempo. “Não me sinto só. Eu me dou muito bem comigo mesma”, revela. Para ela, só há uma desvantagem em morar sozinha: não ter quem abotoe uma roupa que se feche na parte de trás. “Estou sempre comigo mesma. Em Brasília, não paro. Eu que tenho de cuidar do meu fusquinha, ir ao banco... Adoro chegar em casa e relaxar!”, conta Daise, satisfeita com a

companhia de Deus. “Espiritualmente me sinto acolhida”, declara.

João Luis Simões, 26 anos, desembarcou em Brasília há um ano e meio em busca “dos meus ideais, de mim mesmo, do meu próprio espaço”. João vivia com a família em Goiânia antes de “tentar buscar mais experiência da vida” por estas bandas do Planalto Central. Hoje, não se arrepende e vê mais vantagem em viver sozinho. Cita a independência, a liberdade, a maior responsabilidade e a flexibilidade como as maiores vantagens de ter saído de casa. “Você aprende a ver as coisas de outra maneira, vê que não é o centro do mundo. Perde um pouco daquela visão burguesa que você tem dentro de casa”, explica.

Mas João admite que sente falta do convívio familiar, além de uma certa carência afetiva. Na verdade, João preferiria morar com alguém, “com a pessoa amada” talvez. Enquanto não realiza o ideal, o estudante, profissional do ramo de hotelaria, procura conhecer pessoas, ver filmes, rever amigos, para ajudar a passar as horas de solidão. Quando estes momentos são inevitáveis, João confessa: “Ando e choro sozinho”. Mas ele não culpa Brasília e sua falta de esquinas. “As pessoas rotulam isso. No tempo que passei aqui já conheci bastante gente. Isso não depende da cidade, depende da gente mesmo. Se você não quer ser solitário, você tem de procurar outras pessoas. Mas há a diferença entre amigos e conheci-

dos. Amigos tenho poucos, mas raros”.

Apoio — O Centro de Valorização da Vida (CVV-Samaritanos) recebe aproximadamente duas mil chamadas por mês em Brasília. O serviço telefônico funciona de segunda a segunda, 24 horas por dia, para atender àquelas pessoas que estão com algum tipo de problemas e não têm a quem recorrer. “À noite, há bastantes chamadas de pessoas sozinhas”, informa Maria Isabel (que prefere não revelar o sobrenome dado o caráter sigiloso do serviço), coordenadora do CVV no Distrito Federal. Segundo ela, o número de solitários é muito grande. Quem procura o CVV naturalmente não dispõe de apoio suficiente de outras pessoas. Por isso, os serviços são divididos em apoio e informação. “Há pessoas que ligam apenas em busca de informações”, diz a coordenadora.

Em julho passado, o CVV recebeu mais de mil chamadas no Plano Piloto e 630 somente em Taguatinga. O total contabiliza 1 mil 483 chamadas com pedido de apoio, no DF. Em Cuiabá, capital de Mato Grosso, houve 1 mil 005 chamadas no mesmo período, contra 547 contabilizadas em Belém do Pará. Isabel esclarece que o número de chamadas varia muito de um dia para outro, o mês — “No final do ano, na véspera de datas importantes, esse número costuma aumentar”, revela. De qualquer forma, a coordena-

dora acredita que “em Brasília o número de chamadas é maior”. Os motivos Isabel enumera, aleatoriamente, como “adaptação difícil na cidade”, onde há muitas pessoas “perdidas, sem saber para onde ir” e “gente de fora tentando a vida aqui”. Estes, de maneira geral, seriam os solitários em meio à multidão.

“Já tentei sair de Brasília várias vezes, mas não consegui. Sempre aconteceu alguma coisa para me impedir. Acho que é um karma”, conta Marisa Guimarães, secretária. Depois de se casar duas vezes, Marisa hoje vive só. Aos 46 anos, dez deles sozinha, Marisa admite que “estar só é uma opção, eu gosto”. Liberdade, individualidade, não dar satisfações a ninguém, tudo isso é grande vantagem na opinião de Marisa. Nos momentos de solidão, ela diz sonhar, fazer verdadeiras viagens astrais, além de ler, sentar-se na rede e descansar.

Marisa acha que “Brasília favorece a solidão”. Há 19 anos na cidade, ela diz conhecer várias pessoas que se queixam por estarem sós. “Brasília é muito concreta, a arquitetura é cansativa, monótona. As pessoas se reúnem em grupinhos. Mas Brasília, para quem gosta de estudar, trabalhar, de sossego, é a melhor cidade do Brasil”. No entanto, Marisa pondera, em relação aos solitários que ela não consegue compreender: “Se a pessoa tem medo de solidão, ela vai sentir isso em qualquer lugar”.

Chope — Há quatro anos, Andréa Jorge Maia saiu da casa dos pais. “Optei por morar só porque, numa certa idade, quem não quer optar pelo casamento tem mais é de morar sozinho”, sustenta. Aos 31 anos, Andréa é independente da família e adora a ideia de “não ter de dar satisfações”. “Para mim pesou muito sair do trabalho, querer ir tomar um chope e não poder porque

meus pais não aceitavam. Porque é mulher tem de dar satisfações. Num certa idade, é melhor pular fora se não quiser partir para o padrão tradicional”.

Andréa festeja suas alegrias consigo mesma, mas diz ter amigos “que posso bater na porta a hora que for”. Para ela, a única desvantagem de se morar sozinha é “quando tenho um pesadelo e não há ninguém por perto para eu contar. Ligo a televisão e fico acordada até de manhã”. Bacharel em pedagogia, Andréa adora “o anonimato de Brasília. Aqui você pode andar horas num shopping e não ver um conhecido, o vizinho nunca entra na sua intimidade, seus amigos não cobram nada”. Medo de envelhecer sozinha? “Eu já me imagino só na velhice. Se eu me sentir muito só, vou para um asilo”.

■ Luciano Milhomem

Aconselhamento com sigilo

Cerca de 20 pessoas ligam, por dia, para o número 226-6560. É o Televida, serviço de atendimento as pessoas com problemas de vários tipos e que desejam orientação. O Televida funciona de forma semelhante ao Centro de Valorização da Vida (CVV-Samaritanos). Quem pretende apenas ouvir uma mensagem de fé — no caso uma mensagem evangélica — basta ligar 225-2969. Segundo Roseleide Pereira dos Santos, responsável pelo atendimento do Televida, problemas familiares e solidão são os problemas mais comuns de quem procura o serviço telefônico.

Entre junho e agosto, 28 pessoas ligaram para o Televida pa-

ra se queixar de solidão. Curioso notar que, numa média diária de 20 ligações, as queixas de solidão não sejam tantas. Fevereiro e abril registraram os maiores números. Em fevereiro foram 18 os solitários que buscaram o serviço e em abril o número caiu para 13. Roseleide relata que, além das procuras por problemas familiares e solidão, há também chamadas de viciados em tóxicos e meninas que engravidam e pretendem abortar.

Há quase seis anos em funcionamento em Brasília, o Televida oferece aconselhamento “do ponto de vista bíblico, cristão”, de acordo com o Pastor Walter de Souza Matos, presbiteriano encarregado da coordenação do serviço. Roseleide tem o controle dos tipos de chamadas a partir de anotações que faz sobre os pedidos de auxílio. Mas, tal como o CVV, o Televida é sigiloso. (L.M)

Propaganda para o dia-a-dia de quem vive só

No Brasil, a publicidade ainda não pegou este mote

Solitário é minoria. Solteiros, desquitados, divorciados, viúvos, que vivem sozinhos — porque querem ou não — compõem um grupo minoritário que somente aos poucos vai atraindo a atenção das grandes indústrias e, portanto, da publicidade. Há

poucos produtos voltados exclusivamente para o dia-a-dia dos que vivem sós e a propaganda continua de olho na grande fatia do público consumidor — a família. Uma visita ao supermercado e algumas horas de televisão, sob o bombardeio constante de comerciais, não deixam muitas dúvidas.

“Por mais que existam pessoas sozinhas, elas são minoria”, observa Luis Antunes de Sousa, o Rattão, diretor da Ratto Propaganda. O publicitário faz coro com Vera Aldrichi, diretora de planejamento e pesquisa da MPM-Lintas, de São Paulo. Segundo Vera, que se baseia em pesquisa recente realizada pela própria agência, sobre o perfil do paulistano, a configuração de lares na capital paulista aponta, na grande população (excluindo-se a elite),

71 por cento, de paulistanos que moram em lares tradicionais, 25 por cento em famílias que a agência denominou de alternativas (formadas por pais divorciados, mães ou pais solteiros etc.) e somente quatro por cento os que moram realmente sós.

Mito — Tanto Brasília como São Paulo já adquiriram a fama de cidades em que a solidão é maior do que em outros lugares. Desfazer o mito é quase impossível — até porque não falta quem confirme o estereótipo do homem solitário sobre a cidade vazia — mas a realidade nem sempre corresponde às impressões. “A nossa realidade não permite que se trabalhe para um público que não é a maioria”, sustenta Rattão. Em sua opinião, “se você for rastrear o público em Bra-

sília, você vai fechar o leque e terá de fazer comerciais para cada tipo”. Isso de acordo com o publicitário, é inviável economicamente e “não cabe em Brasília”.

No plano geral, a capital da República e seus quase dois milhões de habitantes (o Censo 91 indicou uma população de 1 milhão, 596 mil e 274 habitantes) estão distantes da realidade dos Estados Unidos, por exemplo. As pessoas que vivem sozinhas constituem 39 por cento da população adulta norte-americana (estimada em 184 milhões de habitantes), o que está fazendo com que as grandes agências de publicidade dos Estados Unidos comecem a se preocupar em atingir um público cada vez maior.

“Brasília cria condições para a solidão. Há os grupos de convívem-

cia. Se você não entra em grupos, você catalisa a solidão. Aqui, você tem o seu grupo”, comenta José Carlos Ramalho Júnior, diretor de planejamento da Ratto Propaganda. Em sua opinião, “a publicidade está se voltando para o segmento das pessoas sozinhas, mas os produtos é que são pouco voltados para o público que mora só”. Ramalho explica que a agência “só manipula as informações do cliente e as transforma em apelo publicitário”. De qualquer forma, Ramalho ressalta que “as temáticas das campanhas não tentam explicitar a solidão das pessoas, mas preferem mostrar os pontos positivos de se morar só”.

Lazo afetivo — A pesquisa inédita da MPM-Lintas revela dados interessantes quando investiga a configuração de lares junto à eli-

te. São 62 por cento os que vivem em famílias tradicionais, 20 por cento em famílias alternativas e 18 por cento de indivíduos que vivem sozinhos. Mas, em se falando de problemas pessoais, na grande população as queixas de solidão e carência afetiva em São Paulo sobem ao patamar de 26 por cento.

Vera Aldrichi, da MPM-Lintas, admite que “a propaganda normalmente não se volta para quem vive sozinho”. Ela se lembra da propaganda de um tipo de nhoque, em que há a sugestão de um pai separado que tenta com o filho preparar a massa. “A propaganda tenta estimular o laço afetivo, a família”, diz Vera. Em seu ponto de vista, “o brasileiro é relacional, seu maior esforço é ser aceito na sociedade”. (Luciano Milhomem)

